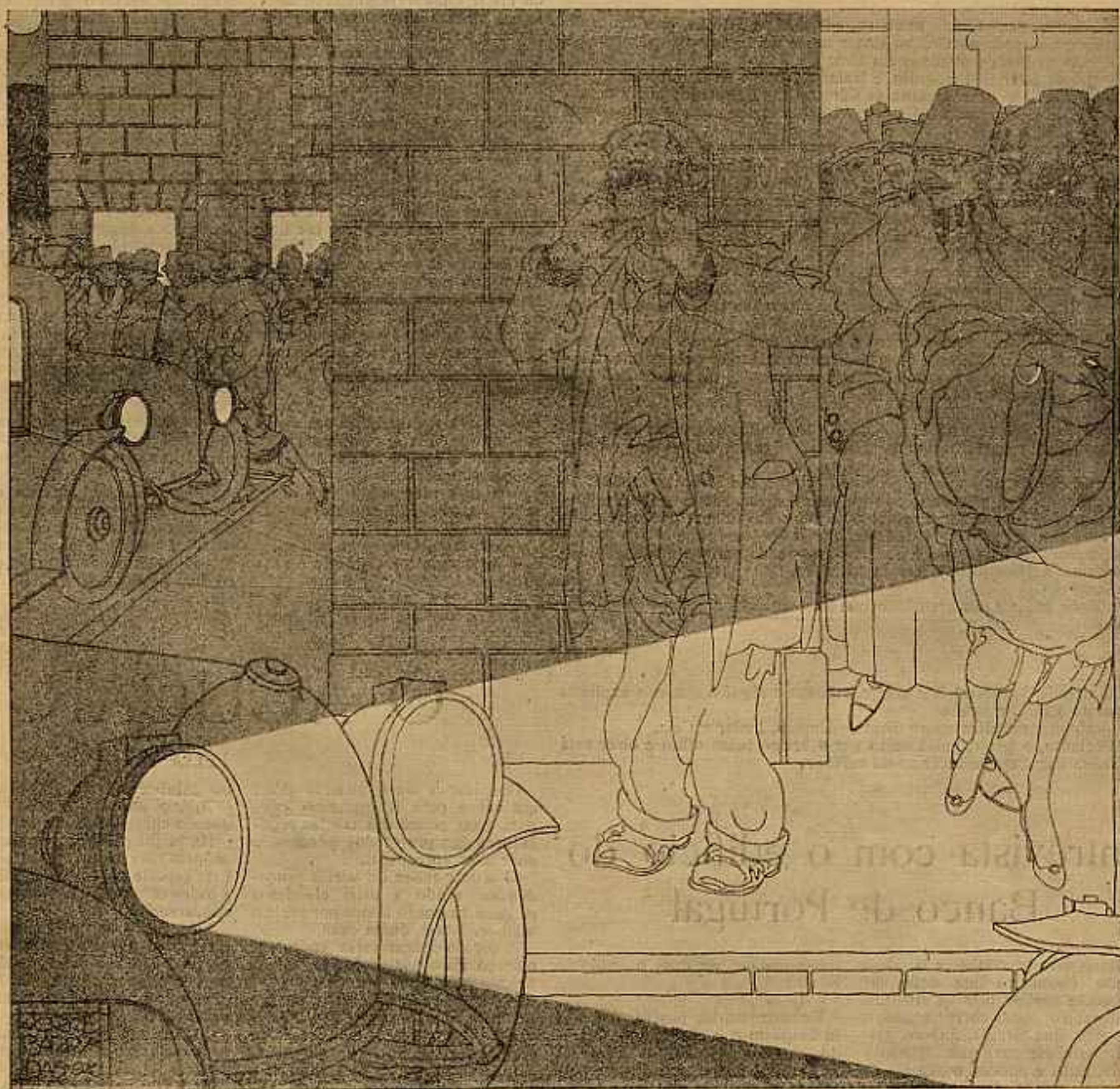


LISBOA
30-JANEIRO-1920
ANO I-N.º 9

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIOUE ROLDÃO

A' SAÍDA DA OPERA



—A CARRUAGEM DO GUARDA-PORTÃO DO SENHOR MARQUEZ

O RISO D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: RUA ANCHIETA, 31
IMPRESSÃO: RUA DO SÉCULO, 43
NÚMERO AVULSO 5 CENTAVOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA ANCHIETA, 31
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TELEFONE-C: REDACÇÃO 5104
ADMINISTRAÇÃO: 5103

AGUA MOLE...

Os leitores já repararam que o primeiro cuidado de toda a gente é defender a República?

Qualquer presidente, ministro, chefe de repartição, presidente de paróquia ou guarda-portão, ao tomar posse do lugar, diz solenemente com a mão na peito e os olhos em alvo:

—Hei de fazer isto e aquilo, e tratar da defesa da República!

Não se passa uma semana na Câmara dos Deputados que a defesa da República não venha á baila com vivas de meter medo e gestos furibundos.

A marinha vai ser aumentada... para defesa da República, o exército tornou-se mais numeroso... para defesa da República, a guarda republicana passou a ter artilharia... para defesa da República, passou a ter metralhadoras... para defesa da República, e consta que também vai ter dirigíveis... para defesa da República!

Irral! Ou a República é muito medrosa, ou os inimigos são tantos que nenhuma defesa chega!

Há grupos de defensores da República (espécie de "minimaxes, para fogos locais) grupos vigilantes da República, polícia de Segurança da República, o diabo, enfim, todos com o máximo cuidado em que ninguém ataque a rapariga ou lhe diga alguma piada.

Pois muito bem, apesar de todas estas defesas, se nós nos descuidamos meia hora fora de casa é certo termos que cufiar pela primeira escada aberta, porque a nossa pele não tem o condão de resistir ás balas, nem ás bombas, nem ás bengalas!

E tudo isto porquê?

Porque cada um trata de defender a República por todas as formas e feitos, sem reparar se tira os direitos a alguém, ou se cumpre com os seus deveres.

Ora nós julgamos que tudo isto é devido a um erro lamentavel.

Ao princípio a palavra República queria dizer, Pátria—Honra—Respeito—Geral—Civilização—Progresso, e todos lhe tinham muito respeito mas ninguém tratava de a defender porque a sua defesa estava na sua significação, mas hoje, parece que as coisas mudaram, a significação não é a mesma, e daí o só se tratar da sua defesa!

Será?

Vamos pedir a um gramático que nos explique a coisa e depois diremos.

P. S.

Já depois de escrito este artigo, talamos a alguém que nos explicou o caso do seguinte modo:

—Hoje, República quer dizer:—Almoço, Jantar e Ceta.

Portanto, o leitor, passa outra vez o artigo pelos olhos e onde está República leia Barriga a vêr se dá certo...

Entrevista com o edificio do Banco de Portugal

Desejosos de conhecer o nosso estado financeiro que deve ser optimo, a avaliar pela quantidade de dinheiro que corre a ródos, que gira, que circula, que se gasta diariamente no país, dando a todos, ricos e pobres, o aspecto de grandes capitalistas, tratando as notas com um desprezo e uma indiferença de millionários, lembrámo-nos de procurar alguém que nos pudesse elucidar: e portanto,

quem melhor do que o próprio Banco?

Encontrámo-lo, porém, um tanto desgostoso e aborrecido. Quando chegámos, batia os alicerces de impaciência, e cerrava nervosamente as janelas numa contracção dolorida.

—Apreensivo? Nervoso? inquietos.

—Bastante contrariado, é certo,

—respondeu, passando uma das mãos pelo encanecido telhado.

—Mas qual o motivo?—insistimos.

—Ora, deve calcular; já não sou embalado como outrora pelo tenir do metal que corria constantemente nas minhas entranhas, o ouro, a prata, o cobre, o nickel...

—Mas, interrompemos, V. Ex.^a Sr. Banco deve confessar que sentia um grande peso nos intestinos, que o devia incomodar, por certo; depois do medo constante...

—Qual? fez êle comovido, levando as mãos ao 1.^o andar. Era um peso agradável; agora estou já enfiado de papel; sinto-me ceste de papéis velhos, barril de lixo, com todo este recheio que me suja e macula as entranhas até aos últimos andares do meu organismo; depois no perigo constante duma infecção. Noutros tempos, é verdade que sentia um certo peso, mas sentia ao mesmo tempo pueridos de cofre forte, de rico millionário, dispeptico d'ouro, ventruado e sublime...

—Mas, contestámos, o papel é ouro, é prata, é metal, é um sistema pratico que o representa e V. Ex.^a deve sentir-se feliz recheado de tantas notas...

—Notas? murmurou êle, num sorriso amargo e de janelas em alvo. Notas?!

—Isto são nodos, meu amigo...

—Apesar de tudo sempre é uma profissão honrosa, ser Banco.

—Ora, meu caro, preferia ser banco de cosinha ou de qualquer

outra coisa e já mesmo pensei, pedir a minha transferencia para banco da Avenida...

E então num impeto de dôr, contraindo as persianas, duas grossas lagrimas lhe deslizaram pela fachada; nós abrindo o guarda-chuva, aconselhámos ainda:

—Mas V. Ex.^a vai sujeitar-se ás irreverências da passarada que infesta o arvoredor...

—Que importa, acrescentou, são essas irreverências apesar de tudo bem mais inocentes e menos prejudiciais que as dos homens. Porque, diga-me, se me assaltam um dia como já por aí tem corrido, quem me defende e garante a existencia? E além disso que culpa tenho eu dos desmandos e falcatruas dos homens? Que se arranjam e não me incomodem a mim.

—Tem uma certa razão; concluímos, mas não há motivo para sustos; demais o que o apoquento agora é o aumento enorme da papelada, mas bem vê que isso tem um limite e não aumentará muito mais, creio, a circulação fiduciária...

—Fiduciária? Fedorenta, contestou, num gesto de desalento e repugnância, pondo os dedos na chaminé.

Despedimo-nos, por fim, e retirámo-nos contristados pela magua do pobre Banco, recordando as suas passadas glórias, mas convictos de que em breve o infeliz Banco será novamente levado á glória...

AUGUSTO CUNHA.

O AÇUCAR

PELO DOUTOR AMPOLA

O açúcar é uma matéria doce que serve para temperar o café, para fazer pouco das tabelas reguladoras dos preços dos géneros, e para fazer apreensões.

O açúcar faz-se de várias procedencias sendo a mais classica o de cana chamado assim porque é o melhor, isto é, duma cana.

A côr do açúcar varia conforme o preço. Há-o por exemplo muito branco para cinco escudos, e o de várias nuances que custa a mesma quantia.

Ao açúcar se deve a invenção da bicha e a conservação das formigas.

O açúcar pode descender dos três reinos da natureza como passamos a explicar.

Açúcar vegetal; extraído da cana de açúcar.

Açúcar mineral; que é extraído

do Ministério das Subsistencias. *Açúcar animal*; extraído duma doença chamada *Diabetis*.

Há também o açúcar *mascarrado*, próprio para doces e lambedores. Esta especie porém generalizou-se a todos os outros com o nome de *mascarrado*.

Em ocasião de crises o açúcar serve para se ganhar muito dinheiro, quer tendo-o fechado até subir de preço, quer misturando-lhe vidro moido ou areia calcinada para pezar mais.

Ainda uma outra qualidade desta substância é a praticada para implantar Repúblicas.

Para isso pega-se no açúcar, deita-se uma pitadinha na porta da Brasileira e daí a dez minutos e um dilúvio de vivas e de cavalos-marinhos que até causa impressão.

UM "TRUST", ESCANDALOSO

O monopolismo disfarçado em trustismo!!!

Mais um escândalo se praticou neste honradíssimo País!

Depois do monopólio das Águas, Viação, Fósforos, Tabaco, Louça das Caldas e Palitos de Oeiras, que para aí vivem esfolando a população, eis que outro surge com o pomposo e mascarado título de *Trust*!

Senhores do Governo! O País não pôde, nem deve pagar mais! (Isto dizia-se há muito tempo).

Se esses capitalistas indinheirados pretendem fazer de Portugal terra de pretos, o nosso protesto será violento e, daqui o declaramos, se fôr preciso... as bombas não se fizeram senão para reventar!

Fala-se na formação do «Trust» do Capilé!

Que vai ser de nós, senhores do Governo?

Não há justiça nesta terra, por ventura ou acaso?

Vai esse manancial que há tantos anos é a origem de todo o sangue português, passar ás mãos de estrangeiros?

Abaixo o *Trust do capilé!*
Abaixo os exploradores do Povo!
Deem-nos pistolas, bombas e bandeiras, e nós iremos mostrar quanto vale a vontade do Povo!

Levem-nos o dinheiro! Tirem-nos as colónias! Declarem a bancarrota! Mas não se consinta nesse negregado *trust* que é a ruína de toda a nossa grandeza nacional! A Pedra Basilar de todas as revoluções!

Abaixo o *Trust do Capilé!*
Abaixo os enganadores da Avenida!

UM CÊRCO

(Cartas dum forasteiro)

Meus filhos:

Fui ontem convidado assistir a uma coisa que me encheu de espanto. Tratava-se de prender um homem que a polícia procurava há muito tempo sem resultado.

Já lhe tinham mandado no encalço vários *secretas* mas o homem fugia sempre.

A final ontem, um agente teve a habilidade de descobrir um sujeito que lhe foi dizer á esquadra onde o homem estava, e tudo se preparou para deitar a mão ao pássaro.

As cinco horas da manhã, um regimento de sapadores pôs arame farpado em volta do prédio, que era lá para as avenidas, e abriu três filas de trincheiras. Depois chegaram cento e noventa peças de artilharia que ficaram apontadas para

O RISO DOS OUTROS



—Desgraçadal Porque não me disseste que tinhas um filho?!

—Ele é tão pequenino, tão pequenino que julguei que não valia a pena falar nisso!

(Do *Rire*, desenho de Abel Falvo).

LER NO PRÓXIMO NÚMERO

GRANDE FOLHETIM CINEMATOGRAFICO

AS CAVEIRAS

DE

PAPEL DE SEDA AZUL

GRANDE FILM EM 6 SÉRIES E DOZE PARTES DA SÉRIE AMERICANA

CADA FOLHETIM CORRESPONDERÁ A UMA PARTE. LANCES ARROJADOS, SCENAS TENEBROSAS, TEMERIDADES IMPREVISTAS

NO PRÓXIMO NÚMRO

cada janela, cinquenta peças de sítio apontadas ao telhado e trinta *tanks* para arrombar as portas. As cinco e meia chegaram quarenta esquadras de cavalaria, levando cada soldado duas espadas, e tresentos mil homens de infantaria, duascentas metralhadoras pesadas e oitocentas leves. Depois uma grande porção de civis (para aí uns oitenta mil) armados de pistolas, bombas, bandeiras e vivas juntaram-se de reforço, e como o prédio tinha collector, veio o *Vasco da Gama* jun-

tamente com dez submarinos não fosse o homem fugir pelos canos.

Trinta aeroplanos espreitavam as chaminés e a guarda fiscal estava de prevenção.

As seis da manhã deu-se o assalto.

Com certeza, desta vez, o homem não conseguia fugir. De armas apontadas, de ouvido á escuta, ao toque de avançar, os artilheiros, cavaleiros, *tanqueiros*, civis, marinha e infantaria, sentiam o coração

a bater com tal força, que até tremia o chão!

Se lhes parecel Agarrar o homem! Um homem daqueles, que todos andavam á procura, que sempre tinha fugido, e que só éle era capaz de virar tudo isto do avesso!

Até eu, e mais sou vosso pai, sentia o coração tão pequenino que até ofereci uma vela á Senhora das Aflições, para aquêle homem ser preso e a gente socegar um pouco.

Pois como eu ia dizendo, ás seis deu-se o assalto... e (preparem-se para a surpresa)

Agarrou-se o homem

Depois de um grande combate contra os vidros e contra as paredes, os civis empregaram a sua grande arma (os vivas) e o homem não teve outro remédio senão render-se.

Foram encontrá-lo dentro do auto-clismo da retere, disfarçado em sarapilheira!

Ataram-lhe as mãos e éle disse então:

—Alguma vez tinha que ser!

Depois meteram-no dentro dum escolta, a escolta dentro dum caixote, o caixote depois de muito bem atado foi metido dentro dum sacco, cozeram o sacco, e metendo-o dentro dum camião de segredo, lá seguiu escoltado por vinte filas de cavaleiros com as carabinas apontadas, e pelos soldados que iam pondo arame farpado nas embocaduras das ruas...

E... coitado!... lá o levaram para ministro...

Vosso pai

Adão.

P. S.

A libra de cavalinho continúa a subir, mas consta que lhe vão tirar o cavalo para ver se ela vai mais de vagar.

A.



POSTA-RESTANTE

ARSENE LUPIN.—Estamos fartos de dizer que não queremos pornografia. Se o amigo se sente com vocação para isso, faça-o em casa, de forma que não incomode ninguém.

HORÁCIO RIBEIRO.—Por muito que isso lhe custe, o seu artigo não é publicado, e isso pela muito forte razão de não ter graça nenhuma.

ALBERTO DE AGUIAR.—Damos-lhe a nossa palavra de honra que fizemos todo o possível para rir com a sua história mas não nos foi possível.

JOSÉ DE OLIVEIRA COSME.—Ora vá fazer sonetos pr'ó Inferno!

ARLINDO BOAVIDA.—Salvé! Antigo camarada! Um abraço de saudação, e cá esperamos o prazer da sua visita, física ou escrita...

CRÓNICA

Num club de Lisboa, cujo nome entra na família dos palmípedes aquáticos e é sinónimo de velho palerma, deu-se há dias um caso muito engraçado. Foi o dito que por um desastre não previsto no programa, quando um ilustre banqueiro da banca francesa deitava os dados, um destes, com certeza um "amarelo", entre a classe, abriu-se e uma gota de mercúrio branca e linda como a Lágrima do sr. Guerra Junqueiro, veio mostrar aos indígenas que havia grande marosca naquela indústria, e que o Club tanto podia estar em Lisboa, como no Pinhal da Azambuja.

Grande alarido, os pontos buscam um pouco de indignação no fundo das algibeiras e vá de procurar os mais dados da casa e de os partir. Pois senhores! Quinze jogos completos estavam *endrominados* e postos á bica para o primeiro endinheirado que apparecesse!

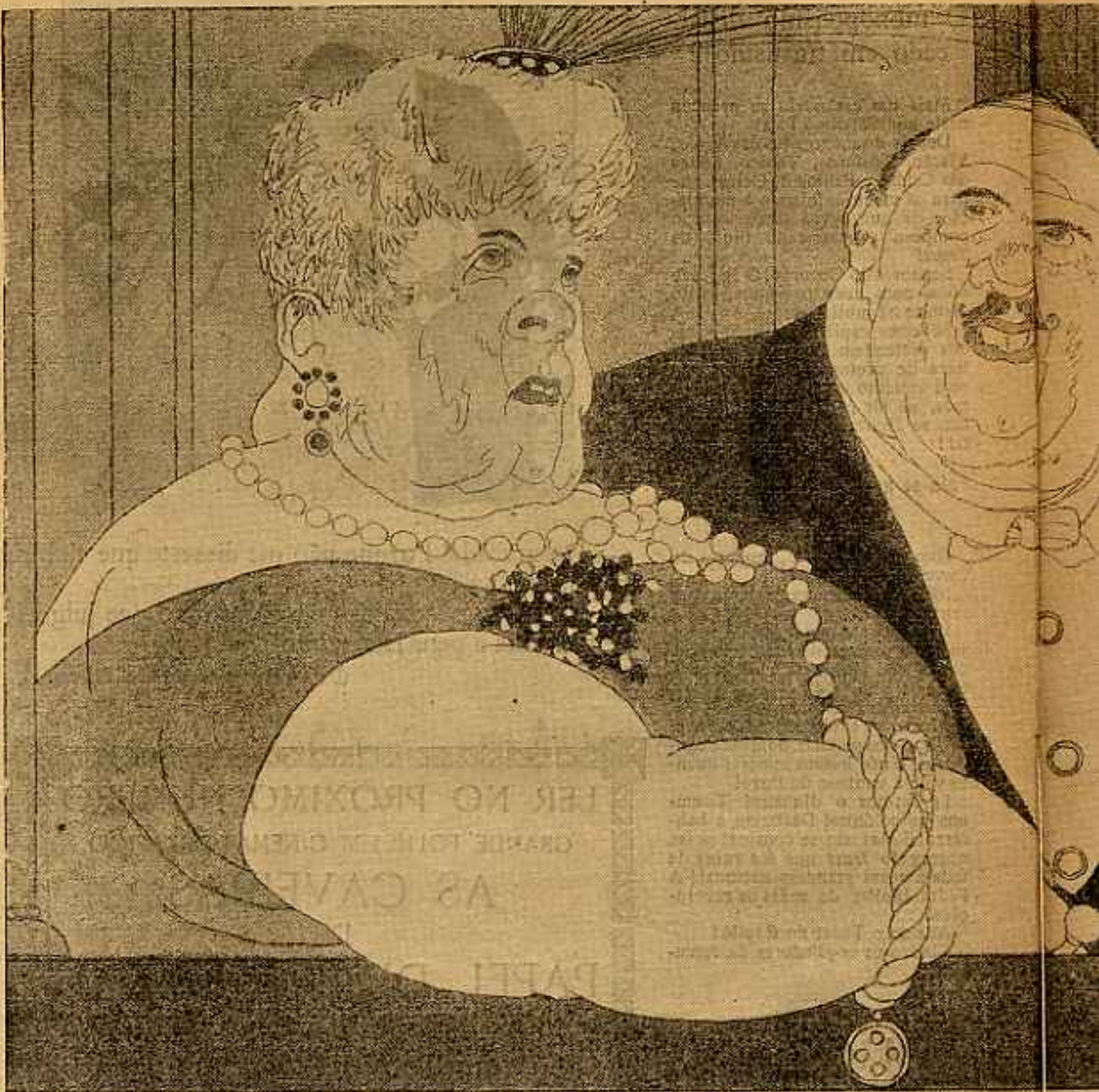
Afirmaram alguns dos directores do Club que como tinham mandado fazer uma análise aos dados e esta tinha dado positiva, fôra lembrança dar-lhes aquelas injeções de mercúrio por conselho do médico!

O caso porém, mais engraçado é que o dito Club continua aberto e que até lá vão ministros!

E matou a justiça o Diogo Alves, o José do Telhado e o João Brandão! Esses cotados, á vista do presente, não passavam de uns inocentes... *patas...*



8 CONTOS!



JORGE BARRA DAS 226



Fala-se de novo em revolução. De novo é como quem diz, não se deixou de falar ainda.

Ora nós temos uma ideia, (temos tanto direito a isso como o sr. Ramada Curto) a qual vem a ser uma nova forma de fazer revoluções. Chama-se a nossa ideia "A revolução da limpeza", e consiste apenas nisto:

Em vez de balas ou granadas, as armas carregam-se com cloro e sabão amarelo, espera-se um dia de chuva e rebenta o movimento. Veriam como logo á primeira investida tudo se rendia, (sem excepção é claro da Guarda Republicana, que essa rende-se sempre) e

aceitava a nova ideia de braços no ar, gritando Kamarad!

Porque tudo isto o que tem é falta de limpeza! Uma boa agulheta, aplicada a tempo trazia ao País o socego, a calma que tanta gente pede, que todos garantem mas que ninguém dá! Limpeza, uma boa esfrega com potassa é que isto precisa!

Há para aí muita consciencia su-

ja, a fazer leis, muita mão emporcadas a deitarem benções, muitos dentes pretos a largarem discursos, e muitas cabeças ensebadas a pensar lóas!

Limpeza! Limpeza!
Exige-se uma revolução de sabão de lavar casas!

Venha um movimento de água a ferver!
á dias um jornal trazia o retra-

Avante, mulheres a dias! Pela Pátria e pela Civilização!

to dum homem que tinha sido encontrado morto e de quem se desconhecia o nome. Dizia a notícia que se alguém o reconhecesse era favor mandar dizer o nome.

Nós pozemo-nos a olhar para o retrato e não percebemos nada. Aquilo tanto podia ser um ho-

— Então Celeste, go
— Eu não! Apregoa

CARLOS



CRONICA

ria que todos nós temos, fantasiá vamos o feito bem mais a nosso gosto e já os jornais não se pareceriam com esses cegos que tanam um olho com uma palal...

Aqueles bolchevistas da Rússia são uns valentes!

A' data de pancada que todos lhe teem dado, a porção de prisioneiros que teem perdido, a quantidade de mortos que já experimentaram, era para não existir um!

Todos os dias, novos telegramas noticiam uma derrota com muito armamento abandonado, muito ferido, muita morte, e eles ainda aguentam!

Apré, que é preciso ser-se muito valente!

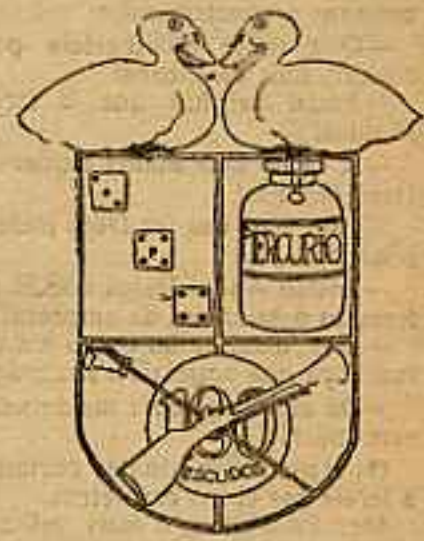
Petrogrado já foi tomada perto de trezentas vezes, a esquadra vermelha já foi ao fundo de toda a maneira, torpedeada, a tiro, com minas, e ainda anda toda ufana, a passear no Báltico!

Em várias cidades já são umas poucas de vezes que toda a gente morre de fome, os burguezes são mortos ás quintas e sextas, Lenin já foi preso e assassinado mais vezes do que cabelos tem na cabeça e até o próprio Czar morreu e resuscitou duzentos telegramas!

Aquilo é que é uma terra! Mas nós sabemos porque são essas coisas...

E' que, como a Rússia é lá muito longe, os telegramas para cá chegar demoram muito tempo, de sorte que tudo isso que os jornais dizem deve ter acontecido al pelo tempo de Pilatos, isto é, naquele tempo em que Jesus Cristo disse que todos deviam ser honestos e que o mandaram matar por bolchevista!

QUEBRA-CABEÇAS



A que Club de Lisboa pertence este emblema?

Recortar e enviar com a resposta em verso a esta redacção.

As respostas serão publicadas.

este, gostas do tenor?
pregoa muito mal!

mem, como um bau, como um prédio em construção! E' verdade que o jornal dizia que era um homem, mas lá se era ou não, não o afirmava o retrato.

Mais abaixo trazia o dito periódico outro bocado escuro com a seguinte legenda: «Visita do Presidente da República aos orfãos dos pais anónimos».

Pois senhores, se aquilo não pa-

recia um batuque de pretos dentro dum túnel numa noite sem lua, era com certeza a tal visita do Presidente!

E raro é o dia em que a parte fotográfica dos jornais não nos faz lembrar que Portugal caminha á estribeira da Civilização! Uma vez é a entrega da bandeira ao regimento tal que parece a «Nau Carineta a dansar o fandango, outra

é o retrato do sr. Fulano que parece uma meia cómoda imoério, com as gavetas partidas, e para cumulo da desgraça, á laia de troça por vezes até vem o nome do fotógrafo!

Ora não seria mais prático, já que a arte gráfica entre nós anda tão atacada de reumático, não dar fotografia nenhuma?!

Ao menos, com esta lasca de poe-

NO MESMO ESTILO...

CONCURSO DE CARICATURAS

AOS DESENHADORES! AOS ARTISTAS!

300 mil réis de prémios!

Ao concurso Gavarnys ignorados!

Concorrei Forains de Portugal!

Abrimos hoje um concurso de caricaturas. Dada a indole do nosso jornal seria um crime não o fazer.

Aos ignorados, aos tímidos, está aberta hoje uma porta para a imortalidade!

CONDIÇÕES

Os desenhos devem vir para esta redacção, com um pseudonimo, morada e a respectiva legenda.

Não são admitidos assuntos políticos nem pornograficos.

O formato dos desenhos não deve ir além de vinte e cinco por vinte e cinco.

O concurso estará aberto durante um mês.

Findo éle um juri classificará os três melhores aos que caberão respectivamente.

150 escudos—100 escudos—50 escudos.

Além destes premios todos os desenhos que estiverem capazes disso, serão publicados no *Riso da Vitória*.



VIII

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

O decair da tarde escurentava os cinco cavaleiros que desciam freimados a encosta, tropeçando nos caúnhos e conclamando:

—Que noite escolheteis para donear, Luis da Cunha!

—Andai azinhos que já tardinhámos!

—A' lá fê! Que mania tendes de fazer mércias!

—Para isso vos fez Deus trefego e falerão!

—Andai! Andai léstos que já referendo o bom fim da emprezal

—Mas dizel então quem é a dama! Para que acafelais a sua graça?

—De mais boamente me deixaria espostejar!

Os trancos dos ginetes cortaram a lereia dos cinco cavaleiros.

Men Rodrigues, o mais velho e diládo do grupo encapuzando-se a cada passo parecia não dar conta da escurama que mais e mais se vazia. O ocaso preluzindo nos arreios tauxeados de ouro e nas alugas de escarlata, que pareciam prear o último arranco de luz, esmorecia lentamente.

—Olhai que me esqueceu fardel,

Luis da Cunha, e se a caminhada é longa, chegaremos sopitados aos comoros do vosso jardim de avejões!

—Pois, bofé que caro pagareis o ousio!—acudiu Men Rodrigues.

—Acordasteis agora D. Belzebut!

Pois ainda o sol não é nado! Logo de mim pensei que haviéis de rebatinhar o fardel e por isso o não merquei!

—Précito do Inferno! Não é agora ansa para veniágas!

—Deixaivos de chufas avezimões!

—disse Luis da Cunha atamando—que boa ceia vos aguarda!

Como por encantamento os cavaleiros quedaram!

O arejo trazia numa blandícia o perfume duma fritada de calúga que num recesso piego aguardava os cavaleiros desatremados...

Escreveu o «Duque de Vizeu», o «Alonso de Albuquerque» e o «Tição Negro» com a ajuda da Torre do Tombo e da Academia das Sciências. É marinheiro mas não sabe nadar. É doído por veias e se não anda de chapéu emplumado é por ter sido ferido pelo «Espachim do Outeiro».

DE CACETE À ESQUINA

«JORNAL DUM REBELDE»

POR

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Crónicas que o autor reuniu em em volume, mas crónicas boas, com belo estilo e boa forma.

All se destrinçam factos e homens com perfeição, se comentam frases e obras com criterio e se escrevem linhas com rica prosa.

As notas do livro que pertenceu a Camilo são belos documentos, a carta de Filipe Trigo honra-o, a *Arte Inoral* e o *Calão* provam que o autor sabe mergulhar nos bons livros, sacar de lá coisas várias e arejar com elas esta decadência de noticias que os fazedores de brochuras para aí baladram. E venha de lá êsse grande abraço, seu Albino!

«TORRE DE MENAGEM»

POR

BARRADAS DE CARVALHO

Novela rápida, breve, fugidia, como uma ilusão agradável.

«Marco Freire», um doente do belo, «Sofia Loral», mulher artista, e muita febre, muito pêso da vida; eis o romance. E éle uma obra notavel? Não! Aquêles personagens vivem apenas na ânsia do autor. Mas acreditamos ser intenção de Barradas de Carvalho fazer apenas meia duzia de páginas febris duma alucinação artistica... e conseguiu-o.

«GAMBUZIOS»

por

Quirino Monteiro e Melo Vieira

É o verdadeiro hino da guer-

ra, escrito para os humildes, para os que anonimamente deram o sangue ou a saude pela Pátria. Sem pretensões, abandonando os guinchos literários, «Gambuzios», é bem um livro para o povo, para o soldado, para o ignorado.

Em breves linhas aí ficam apontadas as nossas impressões e com elas um abraço aos auctores.

IOÃO BAETA.



O RISO DA VITÓRIA

Publica toda a colaboração que lhe for enviada nas seguintes condições:

Deve ter graça.
Ser escrita em português.
Não ser pornográfica.
Relativamente pequena.
Não meter politica.

Que sirva isto de aviso a todos quantos nos maçam com palermices.

A PENSÃO DA D. ERMELINDA

OU

CASA ONDE NÃO HA PÃO TODOS RALHAM SEM RAZÃO



— O' menina Rita! Então a sopa?
— Espere, já trago!
— O' menina Rita, hoje não há pão?
— Há mas é só do preto!...
— Não faz mal, traga que eu fecho os olhos para não lhe ver a cor!
— O' menina Rita, então o garfo?
— Calu-lhe um dente!
— Então agora tenho que esperar que ele venha do dentista?
— O' menina Rita então a fruta são castanhas piladas?
— É para quem quer! Olhe ali o senhor Mendonça chamou-lhe um figo?
— Era para ver se me enganava a mim mesmo!

Aquela pensão da D. Ermelinda tinha fama.
Havia já entrado na imortalidade aquélla sua conhecida maneira de fazer comida pela fórmula científica. A aplicação das altas matemáticas á culinária era sua invenção, os cálculos geométricos com que resolvia a divisão do pão pelos hospedes, e a química que applicava á confecção dos molhos e dos guisados, chegando por vezes a fazer um *fricassé* de galinha apenas com água, milho e a casca de um ovo, tinham feito da Pensão da D. Ermelinda o tabernáculo onde se reuniam em pertinaz convívio, os mais famigerados caixeiros do nosso meio intelectual.
Como todas as donas de pensão, D. Ermelinda era viuva de um maior, morto afogado numa banheira e semicúpio por inexperiência,

quando se preparava para uma visita de pésames.
Após esse sinistro, D. Ermelinda, que em criança tivêra grande vocação para fazer jantinhos, lembrou-se de aplicar a pensão do marido a uma pensão de família, e montou aquêlê negócio, aproveitando toda a loja existente e uma comidre que tinha na provincia para lhe fornecer o feijão branco.

Naquella tarde, o jantar como de costume corria no meio de gritos de protesto.
A Rita, a criada que tinha a mania de nunca lavar as orelhas, andava numa roda viva.
— O' menina Rita, desde que estou á espera da sopa já li os *Três Mosqueteiros* e já vou no terceiro volume da *Madre Paula*!
— Tenha paciência senhor Fernandes, estamos á espera de prato!
— O' menina Rita, diga lá á D. Ermelinda se me arranja outra cadeira que esta tem só três pernas!
— Olhe faça assim senhor Pessanha, ponha uma das suas d'êste lado para eliquibrar!
— O melhor era comprar uma muleja!
— Êste bife ainda trás um bocadinho de bandarilha. Isto não é vaca! E' touro!
— O' Rita!
— Minha senhora!
E a Rita lá ia dando ao chinelo enquanto o Fagundes pedia uma ajuda ao visinho a fim de partir uma batata que já tinha assistido ao dilúvio universal.
O Leonel, empanturrára com o

jantar e fóra fumar para um canto.
— E' o que eu lhe digo seu Inocência, a salvação da Pátria está na agricultura!
— Olhe se é para desenvolver grão como êste, é melhor semear pedras que sempre são mais macias!
— Perdão! Com a Pátria não se brinca! A Pátria é inviolável!
— Também o meu estomago é e quando engulo uma colher desta sopa parece que me apontaram uma metralhadora á barriga!
— A senhora, — interrompe a Rita — manda dizer ao senhor Fernandes que o seu garfo desapareceu e que por isso não lhe pôde dar o bife!
— Desapareceu o meu garfo! Ora essa! Há-de aparecer. Era o que faltava! Um garfo com cabo de chavelho de veado! Uma recordação de família!
— Não se acha!
— Pois procure até encontrar! Era o que faltava!

Meia hora depois o garfo do Fernandes ainda não tinha apparecido, e umas sardinhas fritas que vinham a cantinho da mesa tinham fugido espavoridas vendo os hospedes todos de boca aberta.
— O' menina Rita! Então o meu bife?
— Não há garfo!
— Mas então o meu? Veja se o encontra! Os senhores não viram



por si um garfo com cabo de chavelho de veado?
— Não! Não vimos!
O Leonel cabaceava sonolento.
— O' senhor Leonel! O senhor não viu um garfo?
— Um garfo!
— Sim senhor: Devia estar ao pé de si! Tinha um cabo de chavelho de veado!

— De veado? Ah! Era uma coisa assim redonda, com bicos?
— Era! Era! Viu?
— Vi! Vi, mas já comi!
— Comeu?
— Enganei-me, pensei que era o bife, e só depois é que dei que era um cabo de garfo! Olhe tenha paciência!
— Mas então!...
— Homem não se zangue! Eu amanhã de manhã hei-de ver isso e se o achar, trago-lh'o...

LUIS DE SOUSA.

AOS VATES CONCURSO DE VERSOS ESTÚPIDOS

Encerra-se hoje o nosso concurso.
Muitas respostas temos recebido a que ainda não podemos dar publicação e como o espaço de que dispomos é muito limitado não o podemos fazer.
Fica no entanto estabelecido que *todas, absolutamente todas*, as respostas serão submetidas ao concurso a que três homens distintos e muito finos presidirão num próximo dia.
No número seguinte já nós daremos a nova dos felizardos que apanharam os cem e cinquenta escudos prometidos.
Vai ser assim compensada toda essa falange de estúpidos que ao nosso certamen concorreram para glória sua e honra da Pátria!

Seguem mais quadras recebidas:
Tenho um cabelo com dentes
Tenho uma pulga zangada
Tenho a lei das 8 horas
Nos lábios da minha amada

António Ventura

Vou cantar de Mahomério
As trombas do rinocerante
Cantigas do Oriente
Nas barbas do Despautério.

Arlindo de Almeida

Eu tenho falta de massa
Disse-me chorando a Glória.
Oh! filha! Ai que desgraça
Tens o *Riso da Vitória!*

Rodolfo X

Houve um dia um incêndio
Mas um incêndio açanhado
Era tão grande o incêndio
Que ia morrendo afogado.

Emanuel da Cruz

Fui ao pinheiral aos figos
Não achei senão tomates
Veiu o homem dos pepinos
E arrumou-me com as ceroulas.

Clagar

A' pomba branca de prata
Atirei com balas de ouro
A' ladrão! que me mataste
Meu engulco, meu tesouro.

Pechincha

NO CLUB



— «Com qual dos três está a Mimi esta noite?»
 — «Por ora não sei... deve estar com aquele que mais ganhou!»

(Desenho de Emérico Nunes).

Eu bem sei que a luz eléctrica
 Tem seu brilho um tanto exótico,
 Mas gosto mais de petróleo:
 Não excita o nervo optico.

Mas não caio na peneira
 Nem mesmo a maniar.
Américo G. Lopes

Agarrei-me a um pecegueiro
 Pra falar ao meu amor
 Ela não poudé falar-me
 Por causa dum regador.

Advinhem o que era?
 Um cata-vento a ladrar.
P. P. P.

Eu tenho em casa uma meza
 Que até já a sei de cór!
 E ainda tenho lá outra
 Mas é um pouco maior.

Um
 Atravessei o meu lindo quarto
 Levando nas mãos uma palmatória
 Recuei para traz e disse:
 Vou escrever para o *Riso da Vitória*.
Saricóte

Napoledo—Marr
 e quizeres tazar comigo
 Deixa as cartas pró depois
 Não te esqueças do Cúpidio
 Que está na corte dos bois.

A rapidez dos meus olhos
 Quando me ponho a cantar
 É como o "looping the loop"
 Do clown de alem-mar.
Barr

É uma pena o Aristides
 Não deixar crescer a trança.
 Como él'gosta de pevides!
 Que encantadora criança!

Dois
 Um palácio é um lupanar,
 Um Bordel edificio sumptuoso,
 Naquêlé habitam os reis
 Nêste as divas do goso.
Jacobino

Lopes Abreu
 Debaixo daquêlé carro
 Está o meu casamento
 Anda cá carro da minh alma
 Vai pró diabo que te carregue.

Tenho estado muito calado
 Sempre a falar no concurso,
 Só, para receber cem mil reis,
 Quem me dera ser um urso!...
Fortunato Gonçalves

Sou um triste aleijadinho
 Ando nas pernas com um eicho
 E para comer com a boca
 Não posso sem dar ao queixo.

Três
 Se musicalmente pensado
 É magnanimamente harmonioso
 Sistemáticamente com mestria
 É magistralmente generoso...
Mal-entendido

Inácio Caifaz
 Nos jardins do vaticano
 Toca o Papa harpa éolia
 E todos abrem a bôca
 Viva o *Riso da Vitória*.

Andei com dôres num pé
 Por isso não pude escrever;
 Mas, agora chegou-me a fê
 De tambem ir concorrer.
Celeste Gonçalves

Armando dos Santos Vieira
 Faço versos á lareira
 Faço versos ao luar.

Julgo fazer êste verso estúpido
 Com ajuda dum entupe
 Mas fiquei entupido
 Devido a um semicupe.
Siral de Oliveira

Madureza
 Encontrei hoje um fenómeno,
 Que me fês ir lavar.

BREVEMENTE:
**Concurso de cha-
 radas estúpidas!**